

*Annástria*  
e o Príncipe dos Deuses

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

D'Aquitaine, Selène

Annástria e o Príncipe dos Deuses / Selène D'Aquitaine.

– 1ª ed. – São Paulo: Ícone, 2010.

ISBN 978-85-274-1092-2

1. Romance brasileiro I. Título.

10-01618

CDD-869.93

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances: Literatura brasileira. 869.93

SELÈNE D'AQUITAINE

# Annástría

e o Príncipe dos Deuses

1ª edição  
Brasil – 2010

 **icone**  
editora

© Copyright 2010  
Ícone Editora Ltda.

**ANNÁSTRIA**

**VOLUME I**

**ANNÁSTRIA E O PRÍNCIPE DOS DEUSES**

**Capa**

José Roberto Pereira

**Diagramação**

Richard Veiga

**Revisão**

Rosa Maria Cury Cardoso

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela

**ÍCONE EDITORA LTDA.**

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax.: (11) 3392-7771

[www.iconeeditora.com.br](http://www.iconeeditora.com.br)

e-mail: [iconevendas@iconeeditora.com.br](mailto:iconevendas@iconeeditora.com.br)

# Prólogo...

**J**amais pensei que algum dia eu fosse me apaixonar. Costumava pensar que o amor era para os fracos. Como posso amar? Não posso deixar minhas emoções aflorarem em minha alma! Ou não podia... Agora já não tenho tanta certeza. Não sei muito bem como os humanos encaram o Amor... Alguns dizem que, quando se ama, não há explicações, ou razões, para amar certa pessoa em questão. Desde que nasci... meu destino estava selado. Será que o Amor também estava marcado em meu destino?

Tenho certeza que não! Cai em destruição ao beijar os lábios daquele garoto lindo e sedutor. Não, ele não era humano, nem mesmo um elfo, ou um anjo. Ele era uma alma corrompida, atormentada. No fundo, eu queria, e ainda quero acreditar, que há uma gota de bondade no sangue do meu amado. Impossível uma voz de rouxinol ser serva de um dono tão perverso.

Quando estou com ele, posso jurar pela minha vida, ele não é mal. Se os atos que ele fez não o comprometessem tanto...

Ah, droga! E o que sei sobre o Amor? Meu corpo passou boa parte da vida adormecido, enquanto a minha alma era doutrinada...

O que eu estou dizendo? Amar me deixou completamente louca.

E agora... estou completamente apaixonada pelo inimigo do meu melhor amigo. Estou perdidamente apaixonada pelo filho da inimiga da minha deusa e do meu deus. Sinto que perdi a minha alma para a própria Satine! Oh, deuses! Não consigo parar de pensar naqueles olhos lindos, ou na delicadeza que ele me abraça e sussurra meu nome.

Foi maravilhoso, quando, pela primeira vez, Willian disse “Eu te amo” e me beijou.

Meu coração saltava inquieto, tão forte e desesperado como se a vida inteira estivesse esperando por aquele momento. Minha mente estava perdida em meio as doces palavras que ele sussurrava poeticamente em meus ouvidos. Meu corpo todo tremia e ao mesmo tempo permanecia imóvel e frágil. Minhas mãos estavam frias, meu rosto ardia, rubro de euforia. Por um momento mágico, eu me esqueci de como se respira ou de como se fala. A noite não estava muito quente, mas eu sentia meu corpo arder de desejo. Eu ansiava ser tocada por ele. Era tudo que eu mais desejava. Apenas uma leve carícia em meu rosto e eu já esquecia do mundo a minha volta.

Nem sei quanto tempo ficamos deitados juntos naquela noite estrelada. Tudo parecia perfeito como um sonho. Como sou tola... Esse Amor era “maravilhoso” demais para ser verdade! O preço é muito alto, praticamente impossível de se pagar. Eu me odeio por me apaixonar por alguém que me é proibido!

Por que tem que ser sempre assim? Por que tem que haver romances lindos e impossíveis?

Tudo sempre tem dois lados, bom e mal... Não aguento mais isso!

O mundo é tão dual, tão mesquinho... Não se pode ter nada de bom, sem pagar um alto preço.

Esse Amor me mostrou que os humanos, entre outras criaturas talvez, possuam mais máscaras do que eu imaginava!

Ninguém é totalmente bom ou totalmente mal. Tudo depende do momento. Será que os ideais de Amor, Lealdade e Honra sobreviverão antes que o mundo acabe? O “príncipe encantado” da Idade Média existe somente nas histórias? Ele nunca erra? Duvido que exista alguém assim tão íntegro...

Eu conheço um príncipe. O príncipe de Annástria.

Se algum dia você olhar para ele, ou até mesmo para mim, garanto que vai jurar que eu e ele somos os ideais encarnados de perfeição, honra e glória.

Lamento muito... Eu não sou assim tão perfeita.

Não se iluda com a minha beleza, muito menos com o meu corpo.

**ASS. IMPAR**

# Capítulo um

## A noite da lua nova

**E**m uma noite fria e hostil, uma jovem feiticeira corria veloz carregando em seus braços um pequeno bebê que chorava baixinho.

Ela corria por entre as árvores de uma floresta escura e sombria.

A névoa estava densa, o ar gélido, as árvores soltavam gemidos agudos e altos. Um grupo inimigo seguia a feiticeira pela floresta.

– Não adianta correr! – gritou uma voz áspera de um dos inimigos.

A feiticeira virou-se de costas, segurou o bebê em uma das mãos e com a outra estalou os dedos, e uma densa massa de terra foi jogada confundindo seus inimigos.

O céu estava negro, pois era a tão terrível noite da lua nova onde todos os problemas e uma profecia começaram a ter seu início.

A feiticeira escondeu-se entre duas árvores grandes e rígidas. Ficou em silêncio ninando o pequeno bebê.

– Entregue a criança e prometemos não lhe fazer mal, feiticeira – disse a voz do líder dos inimigos.

Tudo parecia calmo... Nada se ouvia.

Havia uma pequena criaturinha filhote que estava acompanhando a bela feiticeira. A criaturinha, um ártemis, tinha orelhas grandinhas, parecidas com as de um gato, um corpo comprido, fino, um rabo longo com pluminhas na ponta, Seus olhos eram expressivos, verdes, sua pelagem era branca com duas listras roxas saídas da cabecinha e correndo até a calda.

– Não vejo nada... – sussurrou a criaturinha.

– Shh! Estão próximos... – sussurrou a feiticeira, mas algo, por pouco, quase atingiu seu braço. Uma flecha que chegou apenas a causar um arranhão no braço da feiticeira (que caiu no chão com o susto).

A névoa estava forte, mas a feiticeira pôde ver que a sua frente encontrava-se o líder de seus inimigos. Ele estava muito próximo e apontava uma espada no pescoço da feiticeira. Antes mesmo que a feiticeira abrisse a boca para gritar, uma outra flecha atingiu seu inimigo. A flecha atravessou a cintura do sujeito de uma ponta à outra. Ele caiu morto. A feiticeira ficou parada em choque.

A sombra de um homem foi se aproximando aos poucos da feiticeira.

– Quem está aí? – perguntou ela.

– Sou, eu, Sólon. Deixe-me ajudá-la – disse o rapaz estendendo a mão para a feiticeira.

– Obrigada, meu amigo! – disse a feiticeira.

– Está tudo bem, Angelina... Meus aliados levaram nossos inimigos para uma luta...

Estão longe de nós. Está tudo bem com você? Está machucada? E quanto a criança e ao ártemis?

– Estamos bem – disse Angelina com sua voz doce e melodiosa. – Estou muito cansada, mas a criança e seu ártemis estão bem.

Angelina, se pôs em pé com dificuldade e beijou o rostinho do bebê.

Sólon ajudou Angelina a caminhar até uma casa escondida na floresta onde havia amigos esperando por eles.

A casa tinha a forma de um cogumelo gigante, era feita de tijolos e pedras, janelas irregulares, e um telhado vermelho também um tanto irregular. Estava iluminada com luzes esbranquiçadas, mas as cortinas estavam todas fechadas.

Sólon bateu na porta, e um senhor, um mago, alto, idoso, com seus cabelos e barbas grisalhas, óculos de aro fino em meia-lua, e um sorriso leve apareceu.

– Espero que a criança esteja bem... O Conselho Magistral já está todo reunido. Só faltavam vocês – disse o mago dirigindo-se a Sólon e Angelina.

– Hortos, não sei se isso vai resolver... A profecia é muito clara! Temos pouco tempo... – disse Sólon.

– Paciência. O rei, Strall, e a rainha Serenite também duvidaram do meu plano, mas essa é a única maneira segura. Não podemos manter o bebê conosco... Ainda não sabemos quem é a *outra* pessoa... – disse Hortos.

Hortos fechou a porta, e ajudou Angelina a sentar-se junto aos membros do Conselho Magistral.

– Altos, como alto sacerdote talvez possa descobrir algo a respeito da outra criança... – disse Arkarios Berlak, um famoso arqueiro, membro do Conselho Magistral.

Arkarios desfrutava uma bela aparência de um homem alto, encorpado, cabelos negros, pele morena e olhos azuis. O arqueiro, trajando roupas de elite, fitava em Altos com olhos flamejantes de curiosidade.

Altos, um mago e sacerdote, com mais de duzentos anos, conservava a gentil aparência de um senhor de sessenta anos. O mago desviou os olhos para longe de Arkarios.

– Sabes de algo, Altos? – perguntou Angelina.

– Não muito... Minhas visões não estão muito claras. Tudo que sei é que essa pessoa nasceu dois dias depois do príncipe... ou seja, nasceu hoje. Para ser mais claro, ao nascer do sol – disse Altos, sem olhar para Angelina.

– Por hora, talvez isso já baste. Só lamento pelo príncipe Darin... Tão bebê e já fora enfeitado! Como aquele mago das trevas, Rorek, soube de seu nascimento? Como pode tirar as asas de um príncipe!? Suas penas são como suas lembranças... Se o príncipe não tiver suas asas de volta toda sua bondade será corrompida! E assim, ele não será mais príncipe de Annástria, e sim um Lorde Negro. E se isso acontecer... toda Annástria será destruída, toda magia morrerá, não haverá mais esperanças nem criaturas mágicas! Nosso mundo estará perdido! – disse Angelina entregando o bebê Darin para Altos.

– Sei disso... Não podemos lutar contra Rorek! O rei, Strall e a rainha Serenite, morreram ao lutarem contra ele! Morreram ao lutarem para

proteger o filho e entregá-lo em segurança a você, Angelina! Sabes disso melhor do que eu, pois vi quando nossos Ilustres Senhores foram mortos! Vós quase morrestes também ao fugir de Rorek na floresta! – disse Altos, severo, tocando de leve no queixo de Angelina. – Por mais forte, e bela, que seja uma feiticeira da noite, como a senhorita, Angelina, Rorek é um mago possuído pelas trevas, e não pensaria duas vezes antes de matá-la.

– Embora Darin esteja sem suas asas... Ainda há esperanças – disse Demóquitros, um elfo alto, de pele rosada e olhos castanhos.

Angelina acenou com a cabeça concordando com Demóquitros.

– Estamos aqui reunidos hoje para decidirmos quem terá a guarda do príncipe até chegar a hora certa... – disse Sólon – porém... não acho seguro que o príncipe fique em Annástria. Minha sugestão é levá-lo para a Terra. Lá ele estará seguro... por algum tempo.

– Mesmo, assim... Não podemos impedir que o príncipe tenha conhecimento sobre Annástria! – disse Angelina – como ele vai saber de seu destino?

– Já pensei nisso, minha cara! Darin ficará na Terra, mas de certa forma parte de Annástria estará com ele. Eu sugiro que levemos Cair Alastres à Terra! – disse Sólon.

– Cair Alastres? Uma escola Annastriana em meio aos humanos? – perguntou Arkarios perplexo.

– Sim! Assim, como nossa falecida rainha, há humanos que ainda não foram dominados pelo mal! Há humanos que veem fadas! Enquanto ainda forem jovens... podemos torná-los Annastrianos e formarmos aliados!

– Essa ideia é louca! Podemos ser traídos por esses humanos! E outra: nossa rainha não era humana por completo! Ela era uma ninfates, semi-humana, semi-fada! Havia sangue de fada correndo em suas veias, apesar dela não ter asas ou poderes de fadas... Ela era uma fada de Alma! – disse Arkarios.

– Sei disso! Mas como sabe, o próprio pai de Serenite era um humano que acreditava firmemente em magia! Ele foi um inestimável escritor devoto aos nossos princípios! A mãe de Serenite era uma fada, muito aventureira, que descobriu sobre esse humano! Sendo assim, ela como princesa das fadas, assumiu uma forma humana e foi conhecer esse humano. De fato, o pai de nossa rainha ficou imensamente honrado por ter conhecido uma fada. Logo se apaixonaram. E o resto, todos já sabem: ele renunciou a humanidade para viver com sua fada querida.

Pena que faleceu cedo... Humanos não vivem muito, não como nós. Mas mesmo assim, ele sempre foi fiel e bondoso com todas as criaturas mágicas. Isso prova que, mesmo que muito poucos, há humanos que acreditam em magia – concluiu Sólon.

Arkarios hesitou por um momento, mas acabou concordando com Sólon.

– Mas e quanto a mim? – perguntou o ártemis – Não posso ficar longe do príncipe!

– Não mesmo... Agora que Darin está sem suas asas... Foi preciso que eu realizasse um feitiço para que parte de sua alma tomasse a forma de um ártemis – disse Angelina. – Será preciso que cuide de Darin, ártemis, mas cuidado para que os humanos não o vejam.

– Claro! E, por favor, não me chamem de “criaturinha” ou de “pequeno ártemis”. Meu nome é Artenis. Vou cuidar muito bem do nosso príncipe. Somente serei visível aos olhos do príncipe e de Annastrianos – disse Artenis com sua voz de criança.

E assim deram, por hora, encerrada a reunião.

Angelina pegou o bebê no colo, e saiu da casa acompanhada de Sólon.

A floresta estava fria, escura e silenciosa.

Ambos caminharam com cautela. O bebê dormia tranquilo nos braços da feiticeira.

Longe dali, do outro lado de Annástria, uma sacerdotisa de cabelos loiros, entrou no Templo Andar Cal. A sacerdotisa estava muito pálida, ferida nas costas e carregava nos braços um bebê recém-nascido que mal abria os olhinhos. A sacerdotisa ajoelhou-se no centro do templo, abaixou a cabeça e orou em silêncio.

O Templo Andar Cal, tinha uma mistura de arquitetura grega com um arzinho gótico. As paredes eram todas de mármore, as janelas irregulares com vidros coloridos. Havia gravuras desenhadas com tinta preta nas paredes, alguns detalhes em dourado e uma iluminação fraca e fria.

Depois de orar, a sacerdotisa realizou um ritual para abrir uma porta no ar. Duas faixas de luz dourada surgiram paralelas, fechadas em cima por uma outra faixa dourada dando o formato de uma porta.

A sacerdotisa entrou pela porta e desapareceu.

